

**A CRIAÇÃO LEXICAL
NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
O QUE NOS MOSTRA
O MANUAL DE DESCULPAS ESFARRAPADAS**

Solange Maria Moreira de Campos
solangemoreira@terra.com.br

*A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar
como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.*
(Graciliano Ramos)

No mundo em que vivemos, moldado pelas transformações, a linguagem perpassa as atividades individuais e coletivas do ser humano. Nesse mundo em movimento, os estudos que se relacionam à linguagem merecem um lugar privilegiado, especialmente aqueles que se voltam para as criações de palavras.

O léxico¹ é parte viva da língua e constitui um universo tão imprevisível e, por vezes, indefinido, que nem sempre se torna possível prever, com exatidão, o momento da criação de uma palavra ou mesmo quando esta entrará em desuso. Significa dizer, portanto, que o acervo lexical de toda e qualquer língua viva, em face dessa dinamicidade, está constantemente se renovando. À luz do pensamento de Ferraz (2006, p. 219),

Uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. [...] À medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas. Um dos recursos de que se utilizam as línguas para a sua continuidade é a inovação lexical. A língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer

¹ Em relação aos conceitos teóricos básicos da Lexicologia, seguimos a orientação de Biderman (1996, p. 33): “O léxico é constituído por todos os elementos lexicais da língua: os *lexemas de valor lexical* (as palavras plenas) e os *lexemas de valor gramatical* (as palavras gramaticais, vocábulos-morfema), que alguns linguistas chamam de gramemas”.

por estagnação. [...] A criação de palavras novas e a reutilização de palavras já existentes a partir de novos significados constituem um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua.

Segundo Alves (2004, p. 5), o surgimento de novos itens lexicais, ou seja, o processo de elaboração de novas unidades léxicas é denominado de *neologia*, sendo o *neologismo* o seu produto. Ainda segundo a estudiosa, quando se cria um neologismo não se perpetra nenhuma situação de violação do sistema linguístico, mas, ao contrário, faz-se uso de suas estruturas para construir a nova unidade.

Um dos propósitos deste estudo, em que o foco é a Estilística Léxica – a do efeito causado pela palavra – envolve a análise da expressividade lexical, com vistas a demonstrar a função lúdica dos neologismos no *Manual de desculpas esfarrapadas*, um livro de crônicas, mais especificamente de “casos de humor”, escrito por Leo Cunha, cujo destinatário, a princípio, é o leitor jovem. Nessa obra de ficção, torna-se possível estabelecer um eixo entre a Lexicologia e a Estilística, quando pretendemos demonstrar de que maneira este escritor mineiro aproveita as virtualidades do sistema para exercitar a criatividade lexical. Também podemos enfatizar a importância dos neologismos, ou seja, das novas criações de palavras com objetivo estilístico.

O arcabouço teórico deste estudo se ancora, fundamentalmente, nos estudos de Guilbert (1975) sobre a criatividade lexical, no que diz respeito à criação neológica estilística, presente na linguagem literária e que não tem guarida nos dicionários, mas faz com que autores produzam textos extremamente expressivos; nas contribuições de Ferraz (2006) acerca da inovação lexical e a dimensão social da língua e nos pressupostos estabelecidos por Monteiro (1991), ao destacar a estilística e a expressividade na língua portuguesa.

1. A estilística léxica: uma questão de expressividade

Nas produções em que o fenômeno pesquisado é o neologismo, a nova combinação de elementos lexicais se transforma numa realização conjunta de autor e leitor, pois provoca um constante jogo de sedução, expressividade, perplexidade e, ao mesmo tempo, estranhamento. O léxico, território onde os neologismos se instalam, o-

portuniza a criação de novas designações, que podem ser de ordem social, comercial ou estilística. Ao produzir suas histórias ou poemas, o escritor deixa entrever, implícita ou explicitamente, uma intenção, ou seja, um desejo de impressionar o destinatário. Assim, faz uso do material linguístico de que dispõe para produzir textos de acordo com uma situação de enunciação, com vistas a atingir determinado público leitor.

Um dos objetivos da Estilística é analisar essa escolha e demonstrar de que forma o autor consegue com ela os efeitos estéticos imprescindíveis à obra, para transformá-la num produto de qualidade. Nesse sentido, provavelmente a pretendida intencionalidade vai definir, marcar ou mesmo caracterizar o estilo de um autor. Segundo Monteiro (1991, p. 9), “um dos mais sérios obstáculos à delimitação do campo de estudos da estilística é exatamente o da diversidade de acepções que o termo *estilo* apresenta”. Por não se esgotarem os seus significados possíveis, a teórica propõe o seguinte conceito, que norteará nossas reflexões neste trabalho: estilo é a “qualidade de linguagem peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos” (MONTEIRO, 1991, p. 9; *apud* MURRAY, 1949, p. 65).

Este trabalho discute, além das escolhas lexicais experienciadas pelo autor do *Manual de desculpas esfarrapadas*, chama a atenção para a sua maneira própria de escrever, suas pretensas intenções, sua tentativa de se desviar da linguagem comum e imprimir certa marca pessoal, seu modo peculiar de exprimir ou mesmo comunicar “emoções ou pensamentos”, como indica Monteiro (1991, p. 9), momento no qual a língua se transforma em grande aliada do escritor no seu propósito criador, tanto no nível da palavra, como no da frase ou no da enunciação. Mas é no nível lexical que as criações mais nos interessam, pois sabemos que os processos de formação de novas palavras não só enriquecem o léxico como também facultam à nova unidade um valor expressivo.

No *Manual de desculpas esfarrapadas* propomos, portanto, não só um estudo da expressividade, por meio do léxico possível, cujas invenções se baseiam nas regras morfológicas da língua, mas também das formações neológicas, a partir de uma abordagem das

*normas neolúdicas*², consideradas neste trabalho como um conjunto de regras ou critérios para a análise dos processos de criação de alguns dos novos lexemas na obra, assim estabelecidos: a) criações inusitadas (o autor sai da norma para ser o criador de um co-sistema morfológico); b) uso do grafismo ou de recurso imagético (desconstrução do signo no discurso); c) malabarismos lexicais (experimentos de toda ordem); d) construções irônicas (um dizer desdizendo, com ênfase na ambiguidade e na incongruência, criando-se, muitas vezes, o trocadilho); e) metaludismo (metalinguagem com função lúdica); f) criações onomatopaicas (relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos); g) neo-humor (novas unidades lexicais com a intenção de provocar o riso).

2. *A criação neológica estilística*

Considerando como neologismo³ aquela unidade lexical que é sentida como nova na comunidade linguística, a literatura é um dos universos de manifestação discursiva em que a presença de neologismos tem sido frequente. No *Manual de desculpas esfarrapadas*, uma obra ficcional contemporânea, é possível encontrar formações neológicas e demonstrar como o trânsito dos novos itens lexicais encontrados na tessitura textual comprova uma das principais contribuições dos neologismos para a literatura infantojuvenil: dar dinamismo ao texto por seu caráter lúdico e bem humorado.

O estudo de neologia pode dividir-se em dois campos: neologia na língua e neologia na literatura. Apesar de, nos dois casos, haver um objetivo comum – sucesso na comunicação –, há diferentes

² As normas neolúdicas devem ser entendidas, nesse estudo, como um fenômeno linguístico no qual o que chama a atenção não é o processo de formação de palavras, de criação em si, mas a expressividade e o modo como o autor “brinca” com os signos. As artimanhas de que faz uso para criar novas unidades lexicais possibilitam realçar a relevância da mutabilidade linguística e da renovação lexical e compreender a importância da Estilística Léxica para que se possa fazer a distinção entre a expressividade obtida com neologismos conceptuais e neologismos formais.

³ Este estudo se apropria do conceito de neologismo formulado por Boulanger (1979), tomando-o como aquela unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda uma palavra recentemente empregada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua.

abordagens para ambos. Os neologismos utilizados na língua, se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos seus usuários, podem ser dicionarizados. Já os itens lexicais criados para um conto, um romance ou para um poema ficam presos a esse contexto e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de comunicação comuns, têm um valor de momento e estilístico.

Na literatura, os neologismos têm um papel e exercem uma função importante. Eles causam surpresa e estranhamento no leitor e resultam em expressividade. Essa expressividade só é alcançada pela nova unidade lexical quando combinada com outras palavras no nível da frase. O contexto é que determinará se o neologismo tem ou não valor para aquela obra. Esse contexto pode ser a frase, o capítulo ou o texto na sua totalidade.

Relendo uma das crônicas do *Manual de desculpas esfarrapadas*, “Cinco hipóteses sobre a deficiência áurea” (49), transcrevemos a seguinte passagem, construída pela voz do narrador: “Garçom, desce uma <douradinha>!” O neologismo <douradinha> pode ser visto, a priori, como resultado da pura inventividade do escritor, revela seu conhecimento linguístico, ao mesmo tempo em que a palavra criada decorre de sua inspiração literária. A criação desse novo item lexical, no âmbito do discurso literário, justifica-se, também, pela capacidade que a nova palavra tem de dinamizar o tecido poético, onde sobressai ludicamente a carga de humor provocada pela referência à cerveja. Torna-se importante reafirmar, então, que o texto literário apresenta-se como *corpus* ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, estabelecendo uma relação de empatia que redunde em conhecimento, ludicidade e prazer. É preciso ainda considerar que os recursos expressivos da língua, ao transitarem esteticamente no cenário textual, em seus vários planos - fonológico, morfossintático e léxico-semântico -, dão forma à linguagem literária, resgatando o jogo verbal no que tange não só à correção e à adequação, mas à inventiva linguística.

Nesse *Manual*, uma coletânea de crônicas, a palavra criada é bailarina, natural, desliza sobre a tessitura textual executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Trata-se de uma mistura saudável de recursos, que transforma a língua em um grande

móvil e, longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, essa manipulação linguística lhe dá feição nova, ressaltando seu potencial expressivo, numa conjugação equilibrada artesanalmente cujo objetivo é encaixar, como num quebra-cabeça, fenômenos linguísticos aparentemente diversos.

Podemos dizer, nesse caso, que os novos itens lexicais encontrados ocorrem por formação esporádica e não por formação institucionalizada. Segundo Rocha (*apud* Bauer 1999, p. 81),

Uma formação esporádica pode ser definida como uma palavra complexa nova, criada pelo falante/[escritor], sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata. (...) Uma formação esporádica deixa de ser considerada como tal, ou seja, passa a ser uma formação institucionalizada, a partir do momento em que o item se torna familiar, isto é, conhecido de uma comunidade linguística.

Vamos exemplificar o que foi dito: na crônica “A carona” (54), o narrador, por meio de um relato impressionista em primeira pessoa, conta de um personagem que havia dado carona para uma moça moradora do seu bairro, cuja fama era de safada, e agora estava na maior encrenca porque a esposa queria se separar dele. Este personagem, um motorista de táxi, afirma para seu interlocutor que não havia acontecido nada entre os dois. A voz narrativa, em tom irônico, assim se manifesta: “Oferecer a carona já foi ceder à tentação. Tudo o mais não importa. Era isso o que aquela lágrima dizia. Não houve o ato, de fato. Nem mesmo um ‘coitus interruptus’. Um coito interdito, talvez, um *coitado*, uma *coitada*” (p. 58, grifo nosso). Os itens lexicais <coitado> e <coitada>, na acepção com que foram empregados, constituem uma formação esporádica, porque não foram institucionalizados, isto é, trata-se de palavras inventadas para compor o cenário da ação perpetrada pelo personagem. Perdem o sentido dicionarizado de referência ao indivíduo desgraçado, infeliz, mísero, para figurar no tecido textual com um novo sentido, o daquele que provavelmente praticou o coito, o <coitado>, ou ainda o do ato consumado em si, a <coitada>. Essas novas palavras, por sua expressividade, estão aqui sendo estudadas por fazerem parte do acervo estilístico do autor, Leo Cunha.

Guilbert (1975, p. 40-44) define dois tipos diferenciados de criações lexicais: neologia denominativa e neologia estilística. Para o teórico, o primeiro tipo encerra a necessidade de se inovar no plano

da língua e não especificamente se volta para o seu aspecto estético. Nasce da necessidade de nomear objetos, visa à adequação entre o nome e objeto ou conceito. Nessas criações, sobressaem os formantes, normalmente greco-latinos, já conhecidos, e os estrangeirismos.

O segundo tipo de criação lexical apontado por Guilbert (1975), a neologia estilística, torna-se mais significativo neste estudo, pois se baseia na expressividade da própria palavra ou frase. Trata-se de uma lexia virtual e, portanto, mais difícil de fazer parte do léxico da língua. Exemplos desse processo de renovação das expressões são citados a seguir:

Vimos comunicar que no próximo dia 15 instalaremos em todas as cabeças o <detector de vazamento de ideias cretinas>, da marca CRET-2X... (73)

A camiseta – *t-shirt*, pros <íntimos dos moicanos> – é superficial por natureza... (79)

É um típico caso de <lobo em camisa de cordeiro>. (80)

Nessa coletânea de crônicas, dentre outras marcas, o ludismo verbal responde pelo prazer maior do ato de ler. A palavra, manipulada com a carga intencional pretendida pelo autor, gera as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz. Os exemplos de neologismos apresentados aqui encontram guarida no critério de exclusão lexicográfica e estão fundamentados em três obras brasileiras de referência: *Dicionário Aurélio século XXI: o dicionário de língua portuguesa* (1999), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001) e *Michaelis Moderno Dicionário da língua portuguesa* (1998).

Na investigação dos neologismos presentes no *Manual de desculpas esfarrapadas*, objeto do nosso estudo, destacam-se alguns processos mais produtivos de formação de palavras, além de outros, categorizados nos pressupostas da norma neolúdica.

3. *Processos mais comuns de formação de palavras*

Nessa abordagem serão demonstrados os processos de invenção baseados nas regras morfológicas da língua.

3.1. *Neologismos formados por composição*

Segundo Infante (1997, p. 118), o processo de composição é caracterizado pela “aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos”. Este processo pode ocorrer de duas formas: por aglutinação ou por justaposição.

3.1.1. *Composição por aglutinação*

Infante (1997, p. 118) apregoa que, se um dos elementos formadores “sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação”. Com a aglutinação do morfema lexical, a palavra resultante passa a apresentar um aspecto semântico distinto, produzindo um novo significado na estrutura textual.

O jeito era inventar ali mesmo uma história <praquele> sapo. (30)

3.1.2. *Composição por justaposição*

Nesse tipo de composição, os morfemas lexicais não perdem sua integridade sonora, pois são colocados lado a lado. As relações entre tais morfemas podem ser classificadas de diversas maneiras. De acordo com Sandmann (1992, p. 40), há uma relação de caráter subordinativo, pois nos compostos, as palavras apresentam sempre um elemento que é o núcleo (determinado/determinativo) e um elemento especificador (determinante/subordinativo). Dessa maneira, os compostos podem ser formados na ordem determinado/determinante.

Que tal uma <laranja docinha do céu?> (47)

Ali é que estava a sua <dúvida anfíbia>, infame e infeliz: os dois sapos são um só? (27)

3.2. Neologismos formados por derivação

De acordo com Infante (1997, p. 91) “a derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos”. Por essa razão, o processo de derivação é bastante fecundo, pois a partir de uma base simples, o falante/escritor pode acrescentar novos afixos, fazendo surgir novas palavras de estruturas complexas. A compreensão se realiza a partir do conhecimento de mundo e da contextualização do neologismo na obra, pois o leitor precisa apreender o valor semântico atribuído ao novo vocábulo. A composição por derivação acontece por prefixação, por sufixação e por prefixação e sufixação:

O leitor pode achar que é <piração>. (90)

... eu pinguei no olho um <supercolfrio> e fiquei com a vista embaçada durante seis anos. (26)

3.3. Formação sintagmática

À luz das concepções de Ferraz (2006, p. 229),

A formação sintagmática é produzida por uma sequência lexical, cuja união dos membros é de natureza sintática e semântica, de forma a constituírem, com certo grau de fixidez, uma única unidade lexical. Por se achar em fase de lexicalização, a formação sintagmática geralmente não é apresentada com hífen, e a ordem dos elementos constituintes é sempre a mesma: determinado seguido de determinante.

Tal formação tem caráter denominativo e exemplifica sintagmas de natureza nominal:

... e sim na cantina, comendo biscoito de queijo com <refri de máquina>. (49)

... na hora de inventar as <desculpas mais caraduras do mundo>. (25)

3.4. Neologismos semânticos

Os neologismos semânticos decorrem da mudança do conjunto de semas referentes a uma unidade lexical já existente, em virtude da inclusão de um novo conceito para essa unidade lexical. Diferentemente do que acontece nos outros tipos, na neologia semântica não

ocorre modificação da forma da unidade lexical já existente. Acrescenta-se apenas um novo significado a um significante que preexiste no sistema.

Quando o conjunto de semas de uma lexia é ampliado, há polissemia. O novo significado pode ter um sentido figurado e é esse que muitos autores exploram em suas obras literárias. Semelhante aos demais, o neologismo semântico pode ser empregado na língua ou na literatura, tendo, nesse último caso, um valor momentâneo e estilístico.

Vejamos os exemplos:

Eu, que dou aula há alguns anos, já ouvi as <histórias mais cabeludas>, contadas com a <cara mais lavada> do mundo. (23)

Talvez reparar um pouco nas curvas do queixo e do nariz, <quicar os olhos> sobre os seios dela, perceber reflexos da luz nos cabelos louros, ou morenos, não importa. (58)

4. A norma neolúdica

Passamos a exemplificar os processos mais produtivos de criação de alguns dos novos lexemas no *Manual de desculpas esfarrapadas*, sob a perspectiva das normas neolúdicas.

4.1. Malabarismos lexicais

Nesse caso, observamos experimentos de toda ordem, que transformam o texto num laboratório peculiar, como, por exemplo, na crônica “Linda de morrer” (75). Nela, há um embate bem humorado entre pai e filho, um tentando ensinar ao outro a pronúncia correta do termo “empreendedorismo”:

– Calma, filho. Você só fala de critérios, métodos, <empreendedorismo>... não sei nem falar esse troço.

– Empreendedorismo, pai. [...]

É claro eu ainda não tinha conhecimento de...

– <Perdedorismo...>

– <Predadorismo...>” (75-77)

4.2. Metaludismo

Os novos itens léxicos apresentam marcações metalinguísticas com função lúdica, realçada por marcadores irônicos.

– <Melancia> é o quarto estado físico da água.

Ela deu uma risada larga, nada como um namorado que faz a gente rir.

– <Chuchu> é o quinto – ele emendou. (45)

Quase no final da adolescência, tive a ideia de montar uma banda de rock chamada <Giárdia Lamblia e seus Vacúolos Contráteis>. Maravilha: eu tinha descoberto finalmente a utilidade das aulas de ciências. (17)

4.3. Neo-humor

As novas unidades lexicais são criadas com a intenção de provocar o riso, instaurando o território propício para dar guarida ao humor.

Mas meu pai insistiu, veio com uma história de divisão de responsabilidades, não basta ser filho, tem que participar, todo aquele <papo gelo>... (20)

A Sofia, minha filha de dois anos e meio, quis saber se o sapo que não lava o pé é aquele mesmo que não tem rabinho nem orelha. [...] Minhas única saída foi descobrir a verdadeira história por trás daquela <saparia musical>. (27)

4.4. Construções irônicas

Nas construções irônicas, o que chama a atenção é a ambiguidade, a incongruência, o trocadilho.

Foi então que, entre goles de refri sem gás, cada um dos professores (um deles era eu) deu sua opinião sobre a medalha de ouro [das olimpíadas de Sidney] não veio. Ou, para ser mais acadêmico, cada um formulou uma hipótese sobre nossa <deficiência áurea>. (49)

Então quer dizer que a madame podia contratar oito serviçais pra se engalfinharem e não podia comprar um livro, um mísero livro, <coitadinho>, que nunca brigou com ninguém? (68)

O que denominamos de "norma neolúdica" constitui, neste estudo, um fenômeno linguístico que não se distancia dos processos de

formação de palavras já existentes. Porém, o que chama a atenção, conforme já dissemos anteriormente, não é a criação de palavras em si, mas a expressividade e o modo como o autor “brinca” com os signos.

5. *Considerações finais*

Como foi demonstrado, alguns processos de formação de novos itens lexicais contribuíram para a inovação léxica no *Manual de desculpas esfarrapadas*, comprovando-se que, de fato, os neologismos exercem grande papel ao ampliar a criação neológica numa obra literária de ficção. As palavras, por sua vez, transformam-se em peças que possibilitam essa ludicidade, conduzindo os leitores à participação na brincadeira. O jogo de palavras instiga a inteligência, mostrando as infinitas possibilidades do vir a ser linguístico. A expressividade contida nos neologismos é alcançada pela novidade e pelo estranhamento das construções. O leitor surpreende-se com a ousadia das criações.

A obra literária constitui, pois, uma importante fonte propagadora e mantenedora de neologismos. O escritor talentoso, que conhece o universo e a mundividência juvenil, como também o sistema linguístico, expressa-se através de todos os meios que a língua oferece, valendo-se dos neologismos lexicais para gerar expressividade e dinamismo no texto, de forma a transformá-lo em algo sedutor e prazeroso para o leitor. Nesse sentido, é preciso reconhecer o enriquecimento linguístico e a revitalização do sistema, em decorrência da criação lexical, que se realiza funcional e esteticamente. Um ponto de interseção entre língua portuguesa e literatura se apresenta então na análise metalinguística dos processos de formação de palavras novas presentes no *Manual de desculpas esfarrapadas*, prova inequívoca do manejo habilidoso com que Leo Cunha trabalha a língua para produzir literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Ática, série Princípios, 2004.

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. Série Princípios.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Léxico e vocabulário fundamental*. São Paulo: Alfa, 1996.
- _____. *Teoria linguística*. Teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes: 2001.
- BOULANGER, Jean-Claude. *Néologie et terminologie*. Néologie en marche. Montreal: Éditeur officiel du Québec, 1979. v.4.
- CUNHA, Leo. *Manual de desculpas esfarrapadas – casos de humor*. São Paulo: FTD, 2004.
- FERRAZ, Aderlande P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1997.
- MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda., versão eletrônica, 1998.
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992. Coleção Repensando a Língua Portuguesa.